

O meu verador de Estocolmo

21 JUN 1983

Negou-se, ontem, pela pena do Presidente da República, o direito à organização política dos habitantes do Distrito Federal, etapa primeira na conquista da representação. O primeiro mandatário argui o oportunismo da proposta, com vistas à eleição presidencial e considera-a contrária ao interesse público.

Está bem! Concordemos com o oportunismo do senador bônico malufista Amaral Furlan. Longe de mim defendê-lo, ou considerá-lo defensor dos interesses do povo, desinteressado. Há um ditado popular de que "pôbre, quando vê muita esmola, desconfia". Mas, no presente caso, o oportunismo malufista servia aos interesses públicos, não lhes era contrário. A construção democrática neste país — e é instrutivo observar o que se publica hoje sobre o debate da UnB a respeito da Espanha — passa pela soberania popular, que inclui o direito da população à sua organização política. Se os malufistas a reivindicam é porque sabem que dela se podem aproveitar. Mas se somos tantos a reivindicá-la, incluindo-se comerciantes, industriais, peemedebistas, desportistas e tantos outros, é porque ela também nos serve. Se o Presidente a rejeita é porque não lhe serve e à sua facção? Acho que não. Acho que há uma falta de visão, uma insegurança que faz com que as pessoas temam o incerto, o indefinido.

Mas não me arrisco a falar em tese. Sou menino nascido na Lapa e crescido no Flamengo. Fiquei grandinho e "córca" convivendo com partidos políticos organizados e atuantes (até onde era possível) lá no meu Distrito Federal d'antanho. Eu tive até um vizinho que foi candidato a vereador e na urna do bairro só teve o voto dele e da mulher. Mas todo mundo participava.

Já adulto, vi o Distrito Federal mudar para o Planalto e eu, tempos depois, viajar para uma temporada no Chile e outra na Suécia. Um país presidencialista e outro parlamentarista. Curiosamente, ambos tinham partidos políticos organizados em todas as suas cidades e vilas (sem brincadeira). No Chile veio o Pinochet e desorganizou. Na Suécia, apesar da gangorra atual em que "borgerliga" e "sossår" se alternam no poder, os habitantes de Estocolmo com mais de dezoito anos elegem vereadores. Até os estrangeiros que, tenham mais de três anos de residência. Eu, quando lá estava, tinha o meu vereador, da oposição. Foi até interessante ver que lá em Rinkeby — onde eu morava — foi a oposição que ganhou. E o interesse público, tanto no nosso velho Distrito Federal carioca, como na minha amada Santiago ou na sóbria e objetiva Estocolmo, nunca foi prejudicado por existirem partidos e vereadores. Porque será que em Brasília corremos esse risco?